

RESENHA

AS IMAGENS DO OUTRO SOBRE A CULTURA SURDA

Dilcinéa dos Santos Reis¹

STROBEL. Karin². *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2016. 146p.

A obra foi revisada por Sueli Fernandes e prefaciada por Ronice Müller de Quadro, ambas, pesquisadoras da área da surdez. A obra oferece uma série de reflexões sobre a forma de como a sociedade vê os indivíduos surdos, perpassando a cultura, a existência de um povo surdo e o sentimento de comunidade. Nos faz refletir, também, acerca do olhar do ouvinte, tomando como base o surdo enquanto sujeito imerso no mundo ouvintista.

Divido em oito capítulos, que nos leva a perceber a complexidade do mundo surdo na sua relação com os aspectos culturais, tendo em vista que o mundo destes sujeitos é tão completo quanto o nosso mundo do ouvinte. O primeiro capítulo intitulado: “Qual o conceito que trazemos sobre cultura?”, Strobel apresenta alguns conceitos sobre Cultura, fazendo a relação dessas definições apresentadas por alguns teóricos da área como: Moles (*apud* RICOU; NUNES, 2005),

¹ Professora de Surdos e da área da Educação Especial há 21 anos do município de Alagoinhas. Professora de Libras da Rede UNIRB. Pedagoga/Matemática/Letróloga — Libras. Especialista em Educação Especial, Em Libras, Em Atendimento Educacional Especializado, Em Psicopedagogia, Em Tradução e interpretação em Libras e em Neuropsicopedagogia em Formação. Mestra em Crítica Cultural. Endereço eletrônico: neasantoss@yahoo.com.br.

² Karin Lilian Strobel é formada em Pedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Possui doutorado na área de Educação - Linha de Processos Inclusivos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua em Gestão Pública há mais de 10 anos, ocupando funções como Coordenadora e Professora do curso de Letras-Libras da UFSC. Trabalhou como professora de surdos na Educação Básica durante 25 anos em três escolas de surdos em Curitiba e, por 10 anos, fez parte de equipe pedagógica da Secretaria de Educação do Paraná.

Frederick Schiller (*apud* EAGLETON, 2005), Hall (1997), Eagleton (2005) e Cuche (2002).

O capítulo é finalizado com uma concepção de cultura plural: "A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza" (CUCHE, 2002, p. 10). Ao questionar no segundo capítulo "Os surdos têm cultura?", a autora nos mostra, através de alguns relatos que os surdos tem cultura sim, criticando a visão que o ouvinte possui sobre a surdez: o sujeito para viver em sociedade precisar ouvir e falar. Contrapondo a essa premissa a autora pontua: "Estas representações imaginárias estão equivocadas. Os povos surdos não vivem isolados e incomunicáveis, simplesmente os sujeitos surdos têm seus modos de agir diferentes dos de sujeitos ouvintes" (STROBEL, 2016, p. 22).

O capítulo três "Povo surdo ou comunidade surda?", discute que a comunidade surda são todos os envolvidos em prol de melhorias para essa minoria linguística: sejam surdos, família de surdos, intérpretes de Libras, entre outros; já o povo surdo, está mais direcionado para eles, os Surdos. Reflete ainda que, quando pronunciamos "povo surdo", estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, um código ético de formação visual, a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. No capítulo quatro, Strobel apresenta os artefatos culturais, que são meios e formas que os surdos encontraram para viver neste mundo do ouvinte e diz: "são peculiaridades da cultura surda" (2016, p. 28). Assim, a autora nos apresenta oito artefatos culturais que evidenciam e visibilizam a cultura surda: "Artefato cultural: experiência visual", "Artefato cultural: desenvolvimento linguístico", "Artefato cultural: família", "Artefato cultural: literatura surda", "Artefato cultural: vida social e esportiva",

“Artefato cultural: artes visuais”, “Artefato cultural: políticas” e “Artefato cultural: materiais”.

Strobel abre este capítulo trazendo à tona o lugar da percepção visual como experiência fundamental para o surdo, mediante as predicções de Farias (2016, p. 29) pois: “Conhecer o mundo pela visão significa, ainda, desenvolver um código visual com o qual os surdos associam significado e significante a partir das informações visuais que extraem do meio”. O quinto capítulo “A representação imaginária sobre a cultura surda”, reflete sobre supremacia da cultura ouvinte, demonstrando que há surdos “nascidos em família de pais ouvintes, não aceitam a língua de sinais, e acabam achando que ser surdo é ruim” (2016, p. 76). Mostra ainda que “a comunidade ouvinte comenta e afirma que como na sociedade a maioria dos sujeitos são ouvintes, o sujeito surdo tem que viver e submeter-se a essa maioria que o rodeia” (2016, p. 77).

Por fim, ainda neste capítulo, a autora traz uma citação que comunga a ideia de Skliar, (1998a, p. 28) quando ele se refere ao problema das representações sociais e considerações da cultura surda: [...] quando o surdo diz “eu tenho orgulho de ser surdo”, “ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que ele se sobrepõe sobre o mundo”. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. “O ouvinte fica com medo. O mundo do ouvinte começa a ficar menos seguro, mais complexo”. “O ouvinte não tem explicação para o orgulho de o surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo”.

O sexto capítulo por sua vez aborda “A questão da história cultural: novas reflexões sobre a história dos surdos”. Veiga Neto (2016, p. 78) nos diz que: “Não apenas o sujeito enraíza-se na história, mas o próprio conceito de sujeito é uma invenção historicamente determinada”. Com isso, podemos dizer que um conjunto de avanços que aconteceram e

vem acontecendo com o povo e comunidade surda, a fim de da visibilidade a este grupo. Assim, é perceptível ver que: “A cultura surda vem sendo um enigma para os sujeitos ouvintes da sociedade. É uma preocupação motivar autores para que eles tentem entender os muitos caminhos que conduziram os povos surdos às suas relações culturais presentes, marcados por visões diferentes de organizações de comunidades” (WILCOX; WILCOX, 2005, p. 82).

O capítulo sete intitulado “In(ex)clusão dos surdos: prática (inter)cultural”, nos convida a refletir sobre os processos de inclusão e exclusão dos surdos em vários espaços sociais. Essas discussões auxiliam na compreensão de diferentes contextos da história dos surdos em que se dão as diásporas, as lutas, os conflitos culturais e diferentes identidades, analisando-os com base nos Estudos Surdos, em que podemos buscar a realidade cultural do nosso tempo. Pois, quando pensamos em incluir, devemos tomar como base o que o surdo considera de importante para que essa inclusão de fato se concretize.

Por fim, o capítulo oito “Como podemos compreender as peculiaridades da cultura surda e nos envolver com ela” aborda sobre o ser surdo e as singularidades para compreender esse mundo, pois o surdo é um sujeito que tem uma cultura e língua própria, e modo de vida diferente do ouvinte.

Esse livro se configura como uma obra representativa não só para comunidade surda, pelo fato de discutir perspectivas que ultrapassam a visão única de percepção de um sujeito, tornando possível uma leitura caleidoscópica do fenômeno cultural, da identidade e da língua.

[Recebido: 28 ago. 2021 — Aceito: 15 set. 2021]